

Empreendedoras multiplicam resultados nas comunidades

Rafael Sigollo

Dina Powell, chefe de relações corporativas do Goldman Sachs, diz que mais mulheres no mercado aumentariam o PIB per capita em mais de 9% até 2030 no Brasil.

Quando se dá oportunidade de desenvolvimento, educação e treinamento para uma mulher os benefícios não são apenas para ela própria, mas se multiplicam rapidamente atingindo sua família, sua comunidade e a sociedade como um todo. Essa é a opinião de Dina Powell, chefe de relações corporativas da Goldman Sachs e ex-secretária assistente de Estado do governo George W. Bush para assuntos educacionais e culturais. Ela esteve no Brasil na sexta-feira para o lançamento oficial do programa "10.000 Woman", que tem o objetivo de oferecer, em parceria com Fundação Getúlio Vargas (FGV), educação em administração para que 10 mil mulheres empreendedoras com baixa renda possam alavancar seus negócios.

Com um investimento global de US\$ 100 milhões, o projeto foi lançado no ano passado e abrangerá 16 países, especialmente os emergentes. Para essa primeira turma no Brasil, foram selecionadas 82 candidatas entre cerca de 800 inscrições recebidas. "Isso mostra que as mulheres estão carentes de orientação e têm vontade de aprender", ressalta Dina.

Um estudo realizado pela instituição financeira revelou que uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho poderia aumentar a taxa de crescimento do PIB do Brasil em 0,7% e o PIB per capita em mais de 9% até 2030. "Percebemos que muitas mulheres se dedicam e trabalham duro, mas acabam ficando presas em um mesmo patamar de operações justamente por não terem acesso às estratégias de negócios e ao conhecimento empresarial", explica.

De acordo com Valentino Carlotti, presidente da Goldman Sachs no Brasil, a inclusão do país no projeto foi natural, pois ele está crescendo e se fortalecendo no âmbito global. "O Brasil é hoje uma região estratégica na economia mundial e esse fato não deve ser ignorado. Acredito que este é um momento propício para incentivar novas ideias e ajudar nos negócios de quem precisa", afirma.

O "10.000 Woman" foi lançado pouco antes de a crise econômica internacional estourar, mas Carlotti garante que mesmo com as turbulências não hesitou em dar continuidade ao programa. "Temos que pensar no longo prazo. Esse é um projeto que traz benefícios e precisa ser feito, uma vez que impacta de forma direta a vida de muitas pessoas", afirma. A meta é formar mil empreendedoras brasileiras nos próximos cinco anos: metade pela parceria entre FGV e o IE Business Scholl da Espanha, e a outra pela parceira entre Fundação Dom Cabral e a Insead, escola de negócios da França. Não haverá crédito e nem premiações em dinheiro. As eleitas para participar do "10.000 Woman" receberão treinamento em assuntos como recursos humanos, finanças e marketing, além de contarem com tutores locais da própria Goldman Sachs para ajudar na criação de um plano de desenvolvimento e prestar consultoria.

Embora Dina já tenha levado o programa a países distintos como Ruanda, Egito e Nigéria, ela vê mais similaridades do que diferenças entre as empreendedoras mundo afora. "O que move todas essas mulheres é o desejo de melhorar não só a vida delas, mas também de suas famílias e comunidades. Esse é o motivo principal pelo qual elas querem ser bem sucedidas, onde quer que estejam". Mesmo assim, a executiva destaca o entusiasmo como um dos maiores diferenciais das brasileiras. "Elas têm um espírito empreendedor forte e muita energia, além de um potencial enorme. As mulheres no Brasil tendem a ser excelentes líderes e, quando bem direcionadas, conseguem resultados incríveis", diz.

Seriam então as mulheres melhores líderes e gestoras do que os homens? "Esta é uma pergunta complicada", diverte-se Dina. O ideal, para ela, é que as oportunidades sejam iguais para ambos os sexos e que as empresas apostem na diversidade para terem pontos de vista diferentes e complementares. "Infelizmente, ainda há poucas chances nos cargos de alto escalão para que as mulheres possam mostrar suas qualidades e o quanto podem agregar nos

negócios. Claro que essa diferença tem diminuído, mas a verdade é que ainda temos poucas mulheres no comando, até mesmo nos Estados Unidos", afirma.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 3 jun. 2009, Eu & Investimentos, p. D8.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais